

A desconstrução do herói em *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector¹

Hero's deconstruction in Clarice Lispector's novel: A Hora da Estrela

Paraguassu de Fátima Rocha ^(a)

^(a) Pós graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pelo Ibpx e mestranda em Teoria Literária na Uniandrade (fatimarocho@hotmail.com)

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de discutir os caminhos percorridos pela personagem Macabéa em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, com vistas a estabelecer um novo perfil para a personagem através dos princípios da teoria da desconstrução de Jacques Derrida, que propõe a desconstrução de sistemas antigos, mostrando como suas unidades básicas de estruturação se contradizem em sua lógica. Para tanto, será feito um levantamento da origem de Macabéa, bem como de suas características, especialmente aquelas que a aproximam da qualidade de herói. Serão discutidas também as relações entre a protagonista do romance de Clarice Lispector e o narrador, assim como o posicionamento deste enquanto criador de uma narrativa ficcional, mas que contém elementos da realidade e que conduzem a uma denúncia social.

Palavras- chave: Clarice Lispector, herói, desconstrução.

Abstract

This article aims to discuss the ways followed by Macabéa in A Hora da Estrela by Clarice Lispector. In this way, it's intended to be established a new profile to Macabéa, by adopting the principles of theory of deconstruction that proposes to deconstruct the old system by showing how its basic units of structuration contradict their own logic. For this, it will be done a search on her origin, and as well her characteristics, selecting the ones that approximate her to the heroes' qualities. It will also be discussed the relationship between the main character, Macabéa and the narrator, and

¹ Este artigo é resultado da pesquisa monográfica para conclusão do curso de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (Ibpx).

his position as creator of a fictional narrative that contains real elements and leads to a social denounce.

Key words: *Clarice Lispector. Hero. Deconstruction.*

Introdução

Este texto desenvolveu-se a partir da releitura do último romance de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, lançado em 1977, no qual foram observados aspectos que tentam desmistificar a imagem da personagem Macabéa, articulada pela maioria da crítica e dos estudiosos da literatura como o símbolo da nulidade. Nesse sentido, buscou-se os fundamentos da estética da recepção de Wolfgang Iser, que vê no leitor o elemento capaz de produzir sentido, fazendo ligações e preenchendo lacunas deixadas no texto, independentemente da época em que uma obra é lida. Para a configuração da personagem em heroína, recorreu-se à teoria da desconstrução de Jacques Derrida, cujo processo vale-se de aspectos anteriormente estabelecidos para os quais propõe um reaproveitamento, buscando neles um funcionamento diferente.

A caracterização do herói

O herói desponta na literatura brasileira, ao que parece, com o surgimento da figura do índio, representado em *Iracema* de José de Alencar, cuja heroína que dá nome ao livro é um ser mítico, pleno de qualidades e protagonista do que se convencionou chamar de romance indianista. A esse segue o estereótipo do herói romântico, também dotado de qualidades positivas que o transformam em símbolo do herói nacional.

Entretanto, no processo histórico, esses heróis cedem espaço a uma representação mais verossímil da realidade nacional, no que diz respeito à sua formação e participação na sociedade.

Da pureza de *Iracema* salta-se para a esperteza de *Macunaíma*, no romance homônimo de Mário de Andrade, e do herói romântico para as

malandragens de Leonardo Pataca Filho em *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Observa-se que, ao longo da construção da narrativa literária, a representatividade do herói tem se consolidado de acordo com a necessidade premente da idealização de uma sociedade, ou ainda por uma necessidade subjacente de questionar os valores a que estão enquadrados os membros dessa mesma sociedade.

Mas, como se configura a questão do herói para a literatura? Segundo Moisés (2004, p. 219), os vocábulos herói/heroína provêm do grego *hêros* e têm como correspondente no latim *heros*, representando semanticamente o “semideus, filho ou descendente de deuses”. A essa idéia somam-se as noções de sistema e dominante, descritas por Kothe (2000, p. 8). Para ele “se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema”, depreendendo-se disso a compreensão de que, sem a presença de tal símbolo, o texto literário seria obscuro, independentemente do caráter que se queira impingir ao herói.

Tanto Moisés quanto Kothe descrevem a evolução por que passou o herói ao longo da história e reconhecem sua importância no cenário nacional, no entanto é na descrição de Kothe que se percebe que a tendência literária ao caracterizar os heróis é a de estabelecer aproximação com a realidade, de maneira a demonstrar, seja através do culto aos poderosos ou pela crítica social, as mazelas que afligem a humanidade e que fazem o ser abandonar seu caráter divino para assumir o caráter humano. Segundo ele,

A própria evolução da sociedade e da produção literária brasileira permite um certo afloramento do seu bloco popular da percepção mais clara da limitação do horizonte dos autores do passado. Eles tendiam a se centrar no topo da sociedade: os agrupamentos marginais - como índios, imigrantes ou mulatos -, quando apareciam, faziam-no mais como alegorias do que como portadores de seu próprio significado. Reconhecer tais fatos não significa diminuir autores, mas reconhecer, dentro de uma perspectiva mais científica, o horizonte que neles efetivamente se configura. (KOTHE, 2000, p. 67).

E é buscando aporte no horizonte proposto por Kothe que se vai enquadrar Macabéa, a personagem de *A Hora da Estrela*, texto que, por sua vez, apresenta-se como um romance singular se comparado aos demais textos da autora, mas que não deixa de estabelecer relações com eles, visto que a obra da autora é toda voltada para o interior do ser, suas buscas e inquietações, que o levam a descobrir o sentido da existência, num raro momento de êxtase.

A gênese do herói

Müller (1997, p. 7), no capítulo de abertura do seu livro, afirma que “todos nascemos para ser heróis” e no capítulo seguinte traça o perfil do herói, cujas características essenciais serão comparadas às de Macabéa como heroína. Para ele,

O herói tem quase sempre pais divinos ou nobres, sendo ao mesmo tempo filho de seres humanos normais. A gestação, a gravidez, o nascimento e a primeira infância suportam uma grande carga. Algumas vezes os pais são estéreis, outras vezes o herói é rejeitado desde o princípio. (...) experimenta o sofrimento da criança abandonada, desamparada, cuja verdadeira natureza a princípio não é reconhecida. É ao mesmo tempo poderoso e carente. Educado por pais adotivos ou por animais, em sua juventude ele logo revela talento, habilidades e poderes especiais. (MÜLLER, 1997, p. 15).

Evidentemente não se encontra em Macabéa a origem divina, mas sim a filiação normal. De acordo com Rodrigo S. M., narrador e personagem do livro, Macabéa

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão (...). Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Mais tarde, a personagem perde também a tia, a qual não lhe faria nenhuma falta, pois as lembranças que dela tinha não eram nada agradáveis. Macabéa precisou desenvolver, mesmo inconscientemente, armaduras para

sobreviver no mundo, à medida que era lançada nele. Para tanto, a mentira é um dos recursos por ela utilizados, ao qual recorre quando precisa encontrar-se consigo mesma, como, por exemplo, quando quis descansar as costas por um dia e inventou ao chefe que iria faltar no dia seguinte porque arrancaria um dente, “E a mentira pegou. Às vezes só a mentira salva”. (LISPECTOR, 1998, p. 41).

Essa conduta da heroína não macula sua imagem, em função das circunstâncias em que ocorreu o episódio e por tratar-se de uma mentira inofensiva, visto que, nesse caso, Macabéa busca sentir o prazer de estar consigo mesma, não se caracterizando como imoral. No entanto, vale ressaltar que a mentira, quando descoberta, gera desconforto tanto para o mentiroso quanto para aquele que se sentiu enganado, o que contribui para que o grau de confiança no mentiroso seja diminuído.

Macabéa é de origem humilde, provém das classes sociais chamadas baixas e desponta no texto como alerta para as diferenças sociais que sempre dominaram o país, além de ser fruto do modelo “pau-de-arara” que caracterizou os anos de 1950² no Brasil. Naquela época, verificou-se o maior contingente de migrantes nordestinos para os grandes centros, muitos movidos pelo fenômeno da seca e outros pelas perspectivas que se anunciavam com a construção da nova capital federal, conforme levantamento feito por Camarano e Abramovay (2006).

No romance de Clarice não são expostos os motivos que levaram Macabéa e sua tia a deixar o Nordeste. O narrador, entretanto, no transcorrer da história, traça um breve perfil do povo nordestino, que se mostra atemporal, pois independentemente do momento em que se passa a história, da época em que foi escrita (1970) ou ainda do tempo presente, as constatações ligadas à realidade permanecem as mesmas. Rodrigo S. M. declara que quando menino foi criado no Nordeste e complementa: “Também

2 A relação com os anos de 1950 deve-se às inferências do narrador sobre os mitos que Macabéa cultuava e queria imitar: Marilyn Monroe e Greta Garbo, símbolos daquela geração. (Nota da autora)

sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe”. (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Assim, contrastam-se duas realidades angustiantes. Primeiramente, a condição do nordestino que vive em sua terra, e em segundo lugar, esse mesmo nordestino vivendo em uma cidade grande. Há poucas referências às condições de vida no Nordeste brasileiro, talvez porque o que a autora queira mostrar é exatamente a condição daqueles que deixaram sua terra em busca de um sonho que nem sabem qual é. Poderia ser a perseguição da felicidade, que, segundo o narrador, é “inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (LISPECTOR, 1998, p. 12), e que, prossegue ele, encontram-se em todos os lugares, vivendo em péssimas condições sociais e de trabalho, pois “Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Mas, ainda assim, Clarice pincela o texto com tradições locais que refletem tanto a identidade do povo nordestino quanto a realidade a que essas pessoas são submetidas. Nesse contexto, inserem-se as crenças religiosas, como a promessa feita pela mãe da personagem à Nossa Senhora da Boa Morte de só lhe dar um nome caso ela vingasse. A promessa também se afirma como parte do caráter do povo, pois segundo Olímpico de Jesus, namorado de Macabéa, “promessa é questão de grande dívida de honra” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

A resistência, a paciência e a bravura do nordestino são também mencionadas no texto clariceano, consolidando a idéia da sobrevivência, quer seja em seu ambiente natural, quer enfrentando o movimento migratório e se estabelecendo em locais cujos costumes lhe são desconhecidos, perpetuando, assim, uma preocupação visível de ter representado no texto de ficção o cidadão comum ou ainda aquele que constrói a idéia de nação.

***A Hora da Estrela*: leituras possíveis**

Na dedicatória do autor “na verdade Clarice Lispector” (LISPECTOR, 1998, p. 9), cuja duplicidade se explica pelo conceito de rizoma desenvolvido

por Deleuze e Guattari e que será apresentado adiante, Rodrigo S.M. desafia o leitor a encontrar uma resposta para o que vai escrever. Segundo ele, “Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Vós?” (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Entretanto, preencher as lacunas presentes no texto de Clarice não é tarefa das mais fáceis, considerando-se os enigmas que a autora propõe ao leitor desvendar e que Eagleton (2003, p. 105) convencionou chamar de “hiatos” ou “indeterminações”, ao descrever a teoria da recepção. O autor ressalta que tais elementos, para terem efeito, dependem da interpretação do leitor e podem ser interpretados de várias maneiras.

Seguindo a abertura que é dada ao leitor é que se pretende apresentar as leituras possíveis do texto clariceano, sem, contudo, esgotá-lo, mas sim visando ampliar os horizontes da discussão.

A Hora da Estrela, embora considerado o romance menos complexo de Clarice Lispector, apresenta artimanhas capazes de provocar perplexidades no leitor o qual poderia perguntar se aquela não fosse sua última escrita, onde Clarice chegaria? Seria sua ânsia de escrever o contato que procurava com o mundo? Ela também não soube responder. Sabia somente que sua escrita era sua vida, e declara, de acordo com Waldman (1983, p. 10): “(...) E nasci para escrever. Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo”.

O projétil lançado pela autora, através de sua escrita, penetra imediatamente, porém se espalha com lentidão calculada, atingindo vísceras e revirando emoções, tendo como principal alvo a transcendência do ser narrado e daquele que se aventura a acompanhar sua narrativa. É portanto, uma “História exterior e explícita, sim, mas que contém segredos”. (LISPECTOR, 1998, p. 13). Nessa história, autora, narrador e personagem são filamentos de uma mesma teia, tendo em vista a afirmação do narrador de que “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto” (LISPECTOR, 1998, p. 20), ou ainda conforme argumentam Deleuze e Guattari (1995), seres que assumem contornos um do outro.

Clarice é Rodrigo S. M., e esse Macabéa, indo ao encontro do sistema conhecido como rizoma, criado pelos autores acima, o qual se caracteriza também pelo princípio da multiplicidade. Segundo eles,

(...) as multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que se mude de natureza (as leis de combinação crescem então com as multiplicidades). Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas a multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

Em vista disso, *A Hora da Estrela* é um romance que se enquadra nos moldes da literatura contemporânea, mais precisamente no que se convencionou chamar de geração de 45, e, como tal, apresenta características comuns àquela proposta literária na qual se destacam o emprego do fluxo de consciência e do monólogo interior, especialmente quando o narrador justifica o ato de escrever:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Outro recurso utilizado na narrativa é o emprego da metalinguagem que, segundo Nolasco (2001, p. 65), é característico da modernidade porque

(...) o romance não narra mais uma “história” e, não tendo mais o que contar, acaba narrando-se a si próprio. Ou melhor, o narrar narra-se: narra o seu próprio fracasso. Não há mais histórias, mas tão somente fragmentos de fragmentos, que erigem um mundo que se enuncia.

O fato de ser um romance metalingüístico proporciona ao leitor a oportunidade de presenciar uma narrativa transparente em determinados pontos, levando-o a tomar ciência das pretensões do narrador.

Sim, mas não esquecer que para escrever não importa o quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Assim, o narrador interage com o leitor e argumenta: “(...) tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez” (LISPECTOR, 1998, p. 13), imitando, dessa forma, o estilo pessoal de Clarice. Essa interação, entretanto, coloca o leitor em posição de impotência diante da determinação do narrador de dirigir o destino de Macabéa, como evidencia o trecho: “Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional - preciso falar dessa nordestina senão sufoco”. (LISPECTOR, 1998, p. 17). Além disso, o narrador esclarece a opção da autora por um enunciador masculino, o primeiro de sua obra “e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”. (LISPECTOR, 1998, p. 14).

A transparência da narrativa, entretanto, contrapõe-se ao posicionamento ambíguo do narrador ao tratar da existência da personagem, que é conduzida por ele de forma arbitrária. Primeiramente, ele a desqualifica, “Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si mesma”. (LISPECTOR, 1998, p. 18). Em seguida, declara seu amor por ela “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo”. (LISPECTOR, 1998, p. 27).

A visão paradoxal do narrador com relação à existência da personagem manifesta-se também nos momentos em que este lhe permite respirar e volta a envolvê-la com a aura do negativismo. Para ele, o sopro de vida era apenas uma contingência. Esses contrapontos podem ser percebidos em atitudes destituídas de significado imediato, mas que mexem com os sentidos de Macabéa, mesmo que momentaneamente. Para Rodrigo S. M. são “explosões”, ou seja, instantes em que a personagem escapa de seu estado de alienação e revela possuir desejos como no dia em que viu um homem muito bonito num botequim e quis tê-lo em casa, ou quando se descobre apaixonada

pelo namorado: “Mas ela já o amava tanto que não sabia como se livrar dele, estava em desespero de amor.” (LISPECTOR, 1998, p. 44).

Outra questão que escapa do livre-arbítrio do narrador ao construir uma personagem, cuja concepção está próxima da nulidade, são os prazeres que esta se permite e que estabelecem conexão com o mundo externo. Macabéa, por exemplo, se permitia-se, por exemplo, o luxo de ir ao cinema ou de se presentear com uma rosa uma vez por mês, adorava ouvir, ler e colecionar anúncios e demonstrava curiosidade pelo desconhecido, embora jamais tivesse se aprofundado em nenhum dos seus questionamentos, talvez pelo fato de que o único capaz de respondê-los fosse seu próprio criador, e esse não se apresentava disposto a abrir mão de seu domínio.

Seguindo essa tendência, a narrativa é pontuada pela fatalidade que se impõe tanto à condição do narrador, quanto aos acontecimentos que permeiam a vida de Macabéa. Rodrigo S. M. argumenta: “Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino.” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Tal destino a que se refere o narrador está intimamente ligado ao da personagem, o que levará à extinção de ambos.

A morte de Macabéa é também ditada pelo destino: “Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora; é já, chegou a minha vez.” (LISPECTOR, 1998, p. 79). Dessa forma, narrador e personagem se fundem, pois com a morte de Macabéa, Rodrigo S.M. adquire consciência da morte: “Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas - mas eu também?!” (LISPECTOR, 1998, p. 87).

A fusão entre narrador e personagem na tomada de consciência de Rodrigo S.M. ao deparar-se com a realidade da morte de Macabéa concretiza a idéia de rizoma, citada anteriormente.

Ao projetarem-se para fora de si mesmos e ao confrontarem a realidade, os personagens de Clarice são envolvidos significativamente “manifestação, aparição” e tem seu conceito relacionado aos princípios teológicos, segundo o Dicionário de teologia bíblica de Johannes Bauer, citado por Sá (2000, p.168).

Por epifania se entende a irrupção de Deus no mundo, que se verifica diante dos olhos dos homens, em formas humanas e não humanas, com características naturais ou misteriosas que se manifestam repentinamente e desaparecem rapidamente.

Entretanto, no texto de Clarice, a epifania encontra sentidos diversos, sem perder seu significado original, que é o da revelação. O momento epifânico é apresentado em seu texto ora como consequência do processo de busca, ora como fenômenos inesperados provocados pela percepção única do ser em si, ou daquele que se apresenta aos olhos. Em ambos os momentos, as personagens clariceanas têm suas vidas modificadas, pois são surpreendidas pelo que se escondia atrás da vida cotidiana, alcançando a libertação. Para Macabéa, sua libertação ocorre momentos antes de sua morte, através de rápido pensamento existencial da personagem:

(...) Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. (LISPECTOR, 1998, p. 84).

Nesse instante existencial único, Macabéa identifica-se com um mundo melhor que jamais conhecera e com sua própria personalidade, e encerra um ciclo de carência que se iniciara ainda na infância: “Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava a si própria”. (LISPECTOR, 1998, p. 79).

A desconstrução do herói

O vocábulo desconstrução pode apresentar, à primeira vista, uma conotação negativa, talvez pela presença do prefixo “des”³ que na maioria das palavras utilizadas na língua portuguesa leva a essa interpretação.

³ Separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação, privação. (Ferreira, 1999, p. 628)

No entanto, para a teoria literária, segundo Culler (1999, p. 122),

A desconstrução é mais simplesmente uma crítica das oposições hierárquicas que estruturam o pensamento ocidental: dentro/fora; corpo/mente; literal metafórico; fala/escrita; presença/ausência; natureza/cultura; forma/sentido. Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural nem inevitável, mas uma construção, produzida por discursos que se apóiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca uma estrutura e funcionamentos diferentes (...)

Considerando-se outras análises literárias realizadas sobre o texto de Clarice Lispector e os fundamentos mencionados acima, que se baseiam na teoria da desconstrução de Jacques Derrida, é que se pretende determinar a desconstrução da personagem Macabéa em seu sentido heróico.

Então, pensa-se que, se Macabéa é caracterizada como o símbolo da nulidade, sendo quase sempre visível uma condição negativa em torno da personagem, a começar pela visão do narrador, é porque há o esquecimento de apreciar alguns aspectos que lhe fazem integrar o elenco daquelas personagens que realmente permanecem na memória do leitor, suscitando a admiração e a tendência de interagir com elas. Ou ainda isso se deve ao fato de se deixar de colocar o texto em movimento, como afirma Iser, citado por Compagnon em *O demônio da teoria*. Para Iser, “O leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relaciona suas diferentes visões e esquemas, ele põe a obra em movimento, e se põe ele próprio igualmente em movimento”. (ISER apud COMPAGNON, 2003, p. 149).

Pôr o texto de Clarice em movimento toma o sentido de recuperar a imagem de Macabéa, resgatando aspectos de sua vida que contribuíram para a formação de uma identidade, mesmo sendo essa forjada pelo narrador.

Macabéa, quando pequena, sofrera castigos impostos pela tia sem reclamar e sem entender por quê. Então, Rodrigo S. M., ao decidir descrever a personagem que toma conta de sua narrativa, explica a maneira como ela fora criada depois da morte dos pais e as lembranças que trazia da infância.

Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocoruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. (...) As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. (...) A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Müller (1997, p. 26), ao tratar do drama da criança heróica ressalta que

O catastrófico em situações assim, nas quais crianças indefesas e sozinhas são expostas à crueldade e ao sadismo de pessoas prepotentes, acentua-se ainda mais pelo fato de elas tirarem quase sempre desta experiência a conclusão de que elas é que são cruéis, más e ruins. (...) “se meus pais me maltratam e me humilham, é porque sou realmente um fracassado”.

As experiências negativas vividas pela personagem enquanto menina refletem definitivamente em seu comportamento adulto. Macabéa não é capaz de reagir quando é ofendida ou sofre alguma agressão.

(...) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma (...) avisou-lhe com brutalidade (...) que só ia manter no emprego Glória, sua colega, (...) porque errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse. Quanto à moça (...) falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: - Me desculpe o aborrecimento. (LISPECTOR, 1998, p. 24-25).

Situação semelhante se repete quando seu namorado a derruba no chão, fazendo-a ficar enlameada e com o nariz sangrando. Ela diz: “Não se incomode, foi uma queda pequena” (LISPECTOR, 1998, p. 53), desculpando-se e justificando-se pela falta de força de Olímpico. Tais atitudes encontram respaldo na explicação de Müller (1997, p.27) e está relacionada aos abusos sofridos por ela na infância. Para o autor,

Os adultos continuam acreditando firmemente na sentença de culpa e na maldição do desterro que as primeiras pessoas responsáveis por elas lhes infligiram, continuando de todo conhecidas de que são maldosos e pecadores. Receiam que os seus semelhantes os rejeitem e castiguem do modo como já viveram isso um dia.

Macabéa é, no entanto, uma sobrevivente, no sentido literal da palavra. Primeiro pela ocasião de seu nascimento, que se deu em circunstâncias difíceis, sendo que só vingou depois de um mês e sobreviveu também às agressões e privações na infância, e segundo, porque, enquanto adulta, é obrigada a enfrentar as péssimas condições do lugar em que morava, ao qual assim ela se referia: “Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre”. (LISPECTOR, 1998, p. 30). Macabéa também sobrevive à fome que não lhe abandonou, mesmo tendo ela se mudado para um grande centro como o Rio de Janeiro. Aliás, Clarice retrata de forma crua os recursos de que o ser humano lança mão para se desvencilhar da fome, que vão, no caso de Macabéa, desde mastigar papel, aproveitar que Olímpico lhe paga um café e enchê-lo de açúcar, até desejar comer o conteúdo de um pote de creme. Na infância, havia comido gato frito e acostumara-se agora a comer um ovo cozido duro num botequim.

No entanto, apesar de tantas intempéries, ela não perde qualidades imprescindíveis ao ser humano. Macabéa está sempre disposta a perdoar e não reage, porque, segundo Rodrigo S. M., ela “é doce e obediente” e tinha esperança “Mas não havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava”. (LISPECTOR, 1998, p. 39).

Macabéa acreditava também na imortalidade e “Apesar da morte da tia, tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer” (LISPECTOR, 1998, p. 29), idéia que aproximando a personagem da noção preliminar do herói da Antiguidade, o que não se confirma como verdadeiro em *A Hora da Estrela*, como adianta o narrador: “na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um (...)” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Mas essa heroína não é senão a sobrevivente de uma classe social, a dos humilhados e ofendidos, tal qual o título de um livro que Macabéa encontrara na mesa de seu chefe, e que lhe fez constatar que “Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social” (LISPECTOR, 1998, p. 40), o

que leva a personagem a integrar o elenco dos heróis modernos, de acordo com a definição de Kothe (2000, p. 65)

O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade, o herói passa a ser, com o processo da industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa.

O fenômeno da desconstrução desenvolvido por Derrida (apud EAGLETON, 2003) toma corpo no texto de Clarice Lispector, por confirmar a tese da nulidade da personalidade de Macabéa, provocada pelo determinismo do narrador e que se classifica, tomando-se de empréstimo o conceito de auto-ódio de Baibich (2001), como a perseguição de alguém pertencente à mesma classe e provavelmente tendo a mesma origem nordestina, fato que o narrador não esclarece totalmente, mas sugere ao expressar o sentimento que nutre pelo povo, ao afirmar que não tinha pena dela, ou ainda ao conceber Macabéa e seu namorado “(...) como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam”. (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Para construir a imagem de heroína da personagem é necessário considerar não apenas a questão da alienação ou do conformismo que lhe perseguiam em alguns momentos, aceitando que “(...) já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1998, p. 33), mas também os opostos que foram se consolidando ao longo da narrativa.

Macabéa, mesmo pertencendo à classe dos excluídos, para a qual a razão dominante não atribui importância, tem uma identidade paulatinamente construída pelo narrador: É jovem, tem 19 anos, nasceu no sertão de Alagoas, uma das regiões mais castigadas pela seca e pela miséria, é datilógrafa, profissão que lhe confere dignidade, segundo o próprio narrador. Essa habilidade rendeu a ela um emprego, o qual, mesmo não lhe proporcionando grandes benefícios, colocava-a em situação privilegiada, se comparada à situação de milhares de brasileiros que não estavam no mercado de trabalho no período em se passa a história e que assume, hoje, marcas exorbitantes. Isso confirma que o nordestino como ela “(...) pertencia a uma

resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (LISPECTOR, 1998, p. 80), e que o povo brasileiro que é antes de tudo um forte, para parafrasear a célebre frase de Euclides da Cunha (1975) em Os Sertões.

Considerações finais

Neste artigo procurou-se abranger os aspectos relacionados à vida de Macabéa, na sua condição de ser social, e as relações de alteridade conseqüentes dessa condição. Duas visões se completam, a que a personagem tem de si mesma e aquela oriunda do olhar do semelhante.

Mesmo em se tratando de um texto de ficção, tornou-se impossível não encontrar paralelos com a realidade e repensar a questão da denúncia social não explícita no texto de Clarice, mas previsível quando se entende o poder de sua escrita. Ao descrever Macabéa, ela o faz com a propriedade daqueles que já enfrentaram situações semelhantes de abandono e de estranhamento numa terra que não era a sua. Mas ainda assim sobreviveu, vindo a ser o grande expoente da literatura nacional brasileira, mesmo como estrangeira.

Macabéa igualmente sobrevive. Sobrevive às péssimas condições sociais e humanas impostas pela narrativa de Rodrigo S. M. ou de Clarice Lispector, mas o faz com a grandeza do herói moderno, que mesmo convencido de não ter direito à própria existência, possui a esperança de encontrar um lugar melhor.

Portanto, Macabéa eleva-se à condição de herói/heroína por representar uma identidade nacional que precisa de um processo contínuo de construção, para que valores como a igualdade e o direito à vida não sejam jamais esquecidos.

Referências

BAIBICH, Tânia Maria. **Fronteiras da identidade: o auto-ódio tropical**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 28 ago 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KOTHE, Flavio René. **O herói**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MÜLLER, Lutz. **O Herói: Todos nascemos para ser heróis**. 10. ed. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

NOLASCO, Edgar César. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura**. São Paulo: Annablume, 2001.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector**. São Paulo: Brasiliense, 1983.